

ANÁLISE DA TEXTUALIDADE EM PRODUÇÕES TEXTUAIS: O CASO DA COESÃO E COERÊNCIA

Maíra Cordeiro dos SANTOS⁴⁴

Resumo: Textualidade é o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não uma sequência de frases. Os principais teóricos apontam sete fatores responsáveis pela textualidade de um discurso: a coerência e a coesão, a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade. Neste trabalho, nos concentraremos na adequação discursiva de textos, que envolvem aspectos de coesão e coerência, vistas como conceitos relacionados e complementares. Partindo desses pressupostos, o principal objetivo deste artigo é apresentar uma análise de produções de alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Líliosa Paiva Leite, na cidade de João Pessoa - PB, procurando identificar os problemas de textualidade, a fim de buscar uma estratégia didático-pedagógica capaz de minimizá-las.

Palavras-chave: Texto. Textualidade. Coesão. Coerência.

Abstract: *Textuality is a set of characteristics that makes a text be a text and not a sequence of sentences. Some important theoreticians point seven factors responsible for the textuality of a discourse: coherence and cohesion, intentionality, acceptability, situationality, informativeness and intertextuality. In this paper, we focus on the discursive adequacy in texts which involve aspects of cohesion and coherence; they are understood as related and complementary concepts. Based on these assumptions, the main objective of this paper is to present an analysis of written productions of students in 3rd year High School at Líliosa Paiva Leite School, in João Pessoa - PB, trying to identify some problems of textuality in order to get a didactic and pedagogic strategy which can minimize them.*

Keywords: *Text. Textuality. Cohesion. Coherence.*

⁴⁴ Aluna do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: mairacordeiro@gmail.com.

Introdução

Será que a maior dificuldade de quem escreve é não saber discernir entre um “adjunto adnominal” e um “complemento nominal”, entre “se” partícula apassivadora e um “se” índice de indeterminação do sujeito? Ou o maior problema está em construir um texto que faça sentido e que seja compreendido?

Tradicionalmente, o ensino da língua portuguesa e das produções textuais – as redações – tem dado enfoque maior às questões puramente gramaticais e deixado de lado as questões relativas à compreensão, análise de textos e produção de textos coerentes. Como recuperar o tempo gasto com essas e outras explicações? Uma transformação necessária só acontecerá caso se ponha, no centro das atividades de sala de aula, o estudo, a análise, a exploração, a comparação e a observação, em textos, das especificidades dos sentidos e de seus efeitos na compreensão do que se diz e do que se ouve.

Assim, pretende-se, no presente artigo, verificar algumas produções textuais de alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Lílissa Paiva Leite, na cidade de João Pessoa – PB, de forma a especificar as marcas linguísticas presentes, sobretudo no tocante à coesão e à coerência, como forma de auxiliar no aperfeiçoamento da produção textual dos alunos, envolvendo a compreensão e produção dos sentidos desejados.

Texto

O estudo do texto passou a ser preocupação da Linguística, principalmente, a partir do desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil, no final da década de 1970 e na década de 1980. Segundo Koch (2007), a princípio, o texto era entendido, pela Linguística de Texto, como uma estrutura acabada, um produto, uma unidade linguística superior à frase. Posteriormente, o texto passa a ser abordado como processo de planejamento, verbalização e construção.

Para Koch (2007, p. 26):

O texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, que compreende processos, operações e

estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social.

Beaugrande apud Marcuschi (2008, p. 72) afirma que “o texto é um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas”. O autor expõe, ainda, que “o texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante” (apud. MARCUSCHI, 2008, p. 79).

Assim, afirma Beaugrande apud Marcuschi (2008, p. 80), “é essencial tomar o texto como um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas e sociais”.

Marcuschi (2008, p. 79), por sua vez, afirma que “o texto se dá como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas interativas e colaborativas”. Para o autor, o texto é a unidade máxima de funcionamento da língua (de natureza discursiva). Por isso, o que faz um texto ser um texto é a inteligibilidade, a discursividade e articulação que ele põe em andamento.

Segundo o autor, o texto é um evento e para existir é necessário que alguém o processe em algum contexto. Assim, uma sequência de elementos linguísticos será um texto se conseguir oferecer acesso interpretativo a alguém que tenha experiência sociocomunicativa suficiente para a compreensão.

Costa Val (2006, p. 3) afirma que texto ou discurso é uma “ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal”. Para ela, texto é uma unidade de linguagem em uso.

Nesse sentido, Koch (2007) assevera que os textos resultam de uma atividade verbal de pessoas socialmente atuantes, que coordenam suas ações no intuito de alcançar uma finalidade social, conforme as condições sob as quais a atividade verbal se realiza. A linguística textual, portanto, vê o texto como um ato de comunicação unificado em um complexo universo de ações humanas. Para tanto, o texto deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão, além de considerar a organização reticulada, não linear, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 18-19):

A unidade básica da linguagem verbal é o texto, compreendido como a fala e o discurso que se produz, e a função comunicativa, o principal eixo de sua atualização e a razão do ato linguístico. O aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano. O texto só existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural, único em cada contexto, porque marca o diálogo entre os interlocutores que o produzem e entre os outros textos que o compõem. O homem visto como texto constrói textos. O texto é único como enunciado, mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados.

Para Antunes (2009), os textos diferem uns dos outros dependendo dos propósitos que envolvem, obedecem a padrões mais ou menos fixos e se organizam em estruturas típicas - que podem ser flexíveis - contendo elementos obrigatórios e opcionais.

Para ela, um texto se processa em uma relação interativa complexa entre a linguagem, a cultura e os sujeitos históricos que atuam nesses contextos. Assim, um texto é uma proposta de sentido e só se completa com a participação do seu leitor ou ouvinte.

Segundo Costa Val (2006), o texto constitui uma unidade semântica, ou seja, para ser texto, uma ocorrência linguística precisa ser percebida pelo receptor como um todo significativo. A coerência é, por isso, fator responsável pelo sentido do texto.

Antunes (2005) expõe que o processo de escrever é uma atividade:

1. de interação, de intercâmbio verbal: é agir com o outro;
2. cooperativa, em que se deve saber quem é seu interlocutor;
3. contextualizada, ou seja, não se escreve da mesma maneira, com os mesmos padrões, em contextos diferentes: não há escrita uniforme, desvinculada de um propósito;
4. necessariamente textual: ninguém fala ou escreve por meio de palavras ou frases justapostas aleatoriamente, soltas, sem unidade;
5. tematicamente orientada: há uma ideia geral, um tema global que se pretende descrever;
6. que envolve, além de especificidades linguísticas, outras, pragmáticas: cada texto é marcado por condições particulares de cada situação;

7. que se manifesta em gêneros particulares de texto;
8. que retoma outros textos, outros dizeres, outros discursos;
9. que tem relação de interdependência com a leitura: ler e escrever se complementam.

Para Antunes (2009), compor um texto é promover uma inter-ação, ao mesmo tempo, linguística e social, incluindo-se a interferência de um sujeito, com intenções prévias e empenhos sucessivos, para que se crie e se mantenha o aspecto funcional da produção linguística. Assim, não há passividade de quem propõe uma comunicação interativa. Construir um texto não implica, meramente, juntar palavras ou justapor uma série de frases, ainda que sejam bem formadas.

Assim, para Antunes (2009, p. 93):

construir um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, é uma operação de natureza também lexical e gramatical. Quer dizer, não se pode escolher aleatoriamente as palavras, nem arrumá-las de qualquer jeito, nem tampouco optar por qualquer sequência de frases.

Koch (2009), por sua vez, alude que a elaboração de um texto consiste num trabalho artesanal delicado que exige do autor paciência e cuidado. Tecer o texto pressupõe refletir sobre cada escolha e combinação de palavras, por meio de indícios linguísticos e extralinguísticos, orientando-os para a construção de um sentido compatível com a proposta apresentada, oferecendo, enfim, os meios necessários para, ao final, atribuir coerência ao texto lido.

Para Marcuschi (2008), produzir um texto assemelha-se a jogar um jogo. Assim, é necessário conhecer suas regras, o espaço de atuação e os atores envolvidos, cada qual com sua função. O jogo se dá no decorrer do jogo - é um processo. Para isso, todos os jogadores devem jogar o mesmo jogo e cooperarem mutuamente e dentro das mesmas regras. Portanto, a produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral.

Coesão e coerência

Para tratar da coesão e da coerência como componentes da textualidade, faz-se necessário tecer alguns comentários acerca do fenômeno da textualidade. Para Costa Val (2006), a textualidade compõe um conjunto de características que fazem um texto ser um texto, e não apenas uma sequência de frases. Para Baeugrande e Dressler apud Costa Val (2006), tais fatores são: coerência e coesão (se relacionam ao material conceitual e linguístico do texto), intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e a intertextualidade (têm a ver com os fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo).

Para a análise do presente artigo, o estudo concentrar-se-á apenas no estudo da coesão e da coerência, como fenômenos da textualidade, mas nunca se esquecendo que, para uma análise profunda e completa do texto é necessário que se levem em conta todos os fatores da textualidade, que se ligam e se complementam.

Para Antunes (2009), como a língua só acontece em situações reais, postula-se, para a formação da textualidade, além da estrutura linguística, uma estrutura extralinguística, igualmente determinante e relevante.

Costa Val (2006) explica que o fundamental para ter textualidade é a existência de relação coerente entre as ideias. Explicitar essa relação por meio de recursos coesivos é útil, mas não obrigatória. Caso estejam presentes, esses recursos devem ser usados de acordo com regras específicas, sob pena de redução da aceitabilidade do texto.

Antunes (2009) observa que, naturalmente, as pessoas demonstram ter uma compreensão intuitiva da coesão e da coerência de um texto. O que falta, no entanto, é explicitar que recursos existem para que nossos textos não incorram em tal impropriedade. E esse papel cabe à escola.

Segundo Antunes (2005), coesão e coerência são propriedades que conjugam elementos linguísticos e elementos pragmáticos. O texto é coerente (ou bem formado) para um determinado sujeito, numa determinada situação.

Costa Val (2006, p.7), ao analisar os fenômenos da coesão e da coerência, expõe que:

A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano linguístico.

No plano da coesão, Marcuschi (2008, p. 88) explica que sempre que “se diz que uma frase é coesiva, tem-se em mente o fato de que ela tem uma estrutura bem-formada. Mas quando se fala que um texto é coesivo, tem-se em mente que sua textura é comunicativa e compreensiva”.

Costa Val (2006), por sua vez, define coesão como a manifestação linguística da coerência que é responsável pela unidade formal do texto, construindo-se por meio de mecanismos gramaticais e lexicais.

Para Koch (2007, p. 45), a coesão é:

o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido.

No que concerne à coerência, Costa Val (2006) explica que grande número de estudiosos da Linguística Textual aponta a coerência como fator fundamental da textualidade.

Para Marcuschi (2008), a coerência é uma atividade interpretativa, sobretudo, uma relação de sentido que se estabelece entre os enunciados, de maneira global.

Beaugrande e Dressler apud Marcuschi (2008, p. 121) expõem que:

a coerência diz respeito ao modo como os componentes do universo textual, ou seja, os conceitos e relações subjacentes ao texto de superfície são mutuamente acessíveis e relevantes entre si, entrando numa configuração veiculadora de sentidos.

Costa Val (2006, p. 5-6), por sua vez, no tocante à coerência explica que:

A coerência resulta da configuração que assumem os conceitos e relações subjacentes à superfície textual. É considerado o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também

cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores. (...) A coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

Koch (2007, p. 52) dispõe que “a coerência diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”.

Para a autora, a coerência resulta de uma construção realizada pelos interlocutores, numa dada situação de interação, pela atuação em conjunto de vários fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural e interacional.

Segundo Antunes (2005), a coerência tem a ver com as possibilidades de o texto funcionar como uma peça comunicativa, como um meio de interação verbal. Não se pode avaliar a coerência de um texto sem se ter em conta a forma como as palavras aparecem, ou sua ordem. O texto supõe uma forma material que pressupõe uma organização padronizada, definida.

Para a autora:

a coerência não é, portanto, uma propriedade estritamente linguística nem se prende, apenas, às determinações meramente gramaticais da língua. Ela supõe tais determinações linguísticas; mas as ultrapassa. E, então, o limite é a funcionalidade do que é dito, os efeitos pretendidos, em função dos quais escolhemos esse ou aquele jeito de dizer as coisas (ANTUNES, 2005, p. 176).

Ainda segundo a autora, a coerência depende de cada situação, dos sujeitos envolvidos e de suas intenções comunicativas. Assim, não existe uma coerência absoluta, idealizada, pura, definida fora de qualquer situação. Um texto aparentemente incoerente pode ter a intenção de ironizar ou criar algum sentido. Os sentidos não estão presos à língua, mas constroem-se a partir dos conhecimentos linguísticos e de mundo e das intenções de seus usuários.

Antunes (2005) aponta que, para que um texto seja coerente:

1. é preciso ter um caráter sequenciado, desenvolvimento homogêneo e contínuo e ausência de ruptura;
2. não deve repetir indefinidamente (ou circularmente) o mesmo conteúdo;

3. é preciso que o elemento que se introduza não contradiga o conteúdo ou pressuposto anterior;
4. é preciso que os fatos que ele expressa estejam relacionados entre si com o mundo representado.

Assim, Faria, Assis e Ribeiro (2008) explicam que a coerência consiste na possibilidade de se estabelecer sentido para o texto. O produtor precisa, para produzir um texto, respeitar os princípios da nãocontradição, da continuidade e da progressão de sentidos entre suas partes, constituindo, dessa maneira, uma unidade semântica. A base da coerência é, portanto, a continuidade de sentidos, sem a qual os textos são considerados incoerentes.

Diante do exposto, questiona-se se a coerência depende de elementos gramaticais. Antunes (2009), ao refletir sobre esse questionamento, explicita que a coerência também é linguística e gramatical. Por isso, é preciso estudar a gramática que nos faz entender e compor, de forma mais adequada, textos orais e escritos, não a gramática que nos faz memorizar apenas nomenclaturas e classificações.

De acordo com Koch (2009), a coerência é uma tarefa que demanda consideração a múltiplos fatores, levando-se em conta que:

- a noção de coerência não se aplica, isoladamente, ao texto, ao autor ou ao leitor, mas se estabelece na relação entre esses três elementos;
- a construção da coerência envolve da parte que quem escreve, assim como da parte de quem lê, conhecimentos dos mais variados como o enciclopédico e o metagenérico;
- a coerência depende também de fatores como a focalização e a seleção lexical;
- a coerência depende, em parte, do uso da língua socialmente instituído, em que se demanda conhecimentos constituídos em certas culturas e épocas quanto a formas de comportamento;
- a coerência pressupõe, em tese, a manutenção temática.

Koch (2009, p. 214) pontua que “a coerência precisa ser tratada para além do que o texto nos revela em sua materialidade linguística explicitamente constituída”. Ou seja, é necessário que tratemos a coerência no ensino da língua escrita em uma perspectiva

que privilegie aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais que estão envolvidos nesse processo.

Segundo Costa Val (2006), o texto não significa exclusivamente por si mesmo, mas seu sentido é construído pelo produtor e pelo receptor, que precisa reter os conhecimentos essenciais à sua interpretação.

Para Charrolles apud Costa Val (2006), um texto coerente e coeso satisfaz quatro requisitos: a repetição, a progressão, a nãocontradição e a relação. Costa Val (2006) os chama de: continuidade, progressão, nãocontradição e articulação.

1. continuidade - diz respeito à necessária retomada no decorrer do discurso e tem a ver com a unidade do texto, com a permanência, em seu desenvolvimento, de elementos constantes. Assim, uma sequência que trate a cada seguimento de um assunto diferente certamente não será admitida como texto. Quanto à coerência, esse requisito se manifesta pela retomada de conceitos, de ideias. Em relação à coesão, pelo emprego de recursos linguísticos específicos, como repetição de palavras, uso de artigos ou pronomes etc.;
2. progressão - o texto não pode limitar-se à repetição. É preciso que ele apresente novas informações a propósito dos elementos retomados. Em relação à coerência percebe-se a progressão através da soma de ideias novas às anteriores.
3. nãocontradição - para o texto ser internamente coerente, é preciso que se respeitem princípios lógicos elementares. Ou seja, suas ocorrências não podem se contradizer: têm que ser compatíveis entre si e compatíveis com o mundo a que se referem.
4. articulação - refere-se a como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, se organizam, que valores e que papéis exercem uns em relação aos outros. Isso porque o texto pode apresentar conceitos e fatos relacionáveis sem estabelecer ligações entre eles, ou pode estabelecer relações não pertinentes entre os conceitos e fatos que denota.

Diante do exposto, verifica-se que a coesão e a coerência são aspectos fundamentais para a construção de textos compreensíveis e interpretáveis e que a produção textual escolar deve privilegiar os aspectos da construção do sentido nos textos, analisando e interpretando a língua como uma atividade interacional.

Análise de textos

Os textos analisados neste artigo foram propostos na Escola Estadual Lílissa Paiva Leite, na turma do 3º ano do Ensino Médio. A proposta de produção textual foi construir um texto do gênero “conto” para apresentar aos colegas de sala, cujo assunto especificasse a história de um encontro de dois amigos que não se viam há algum tempo. A proposta tomou por base o conto “Trinta anos”, de Luis Fernando Veríssimo, que conta a história de dois amigos que se reencontraram após trinta anos.

Por sermos “contadores de histórias” desde que aprendemos a falar, ou seja, por construirmos a todo o momento textos orais e textos escritos (diários, cartas, e-mails, blogs, etc.) contando histórias, a proposta de produção de texto escrito funcionaria como “desdobramento natural” da nossa característica de contar histórias.

Antunes (2009, p. 80) explica que

Do lado do interlocutor que toma a palavra (oral ou escrita), existe, em princípio, a predisposição de que sua construção linguística seja coesa e coerente e, enquanto tal, possibilite a expressão dos sentidos e das intenções previstos. Ou seja, qualquer interlocutor em interação se dispõe a dizer, apenas, coisas que fazem algum sentido, isto é, coisas interpretáveis, que sejam conforme os contextos de atuação, coesas e coerentes.

Diferentemente da produção oral, Faria, Assis e Ribeiro (2008) expõem que o texto escrito apresenta algumas características específicas, cujo domínio é necessário a todos os que pretendem produzir textos adequados e coerentes. Para as autoras, o conhecimento de elementos de textualidade é imprescindível para que se obtenha competência para produzir bons textos dos mais variados gêneros.

Segundo Marcuschi (2008), uma dada sequência linguística funcionará como texto quando conseguir produzir efeitos de sentido, coerência dentro de uma comunidade ou para determinados indivíduos. Quando se ensina alguém a lidar com textos, ensinam-se operações discursivas de produção de sentido dentro de uma determinada cultura com certos gêneros como formas de ação linguística.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000, p. 24) elencam como competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua

Portuguesa, dentre outras, as seguintes, que devem ser aplicadas aos alunos para que sejam capazes de construir e compreender textos coerentes:

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção, recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação das ideias e escolhas, tecnologias disponíveis).

Na análise das produções dos alunos, pode-se reconhecer, no trecho abaixo, problemas na construção textual, na pontuação e no encadeamento e linearidade da história.

Numa viagem que fiz para São Paulo conheci uma amiga super legal *que quando eu me sento na cadeira do avião, sentei do lado e olhei fixamente* nos olhos dela mais ela não me conheceu, fiquei queto na minha depois de 1 hora eu me virie para o lado dela e lhe disse: eu conheço você de algum lugar, ela olhou bem nos meus olhos desconfiada depois deu um sorriso e disse: *sim me lembro Agora de você, você e o menino que estudou comigo la na escola do Cristo, isto mesmo. Como você mudou menino como você esta ai eu lhe disse estou bem e você?* Ela me responde: *estou bem graças a Deus e a quanto tempo já faz 5 anos que nos não se vimos.*

(...)

Depois de 15 minutos entre no quarto e la estava la deitada *derrepente ela dis: cadê o champanhe e digo esta la na mesa* ela olha bem pra mim e da um sorriso que dis: *peguue e vamo tomar aqui mais eu, para nos brindar o quanto você foi cavaleiro pra mim gostei muito de você* por ser uma pessoa simpática, *brincalhona e uma pessoa seria.* Final da historia o Amor pode estar presente em cada momento de sua vida basta você querer lutar *para que um dia o amor chegara a você.* (grifos nossos).

Segundo Faria, Assis e Ribeiro (2008), o emprego incorreto da pontuação revela desconhecimento de normas de organização da escrita, pois pontuar é utilizar sinais gráficos que não existem na fala. Na escrita, a ausência de recursos da fala como gestos, pausas, intervenções, deve ser suprimida no próprio texto, que precisa se articular a fim de garantir compreensão do leitor. Assim, a falta das pontuações torna o texto confuso, indecifrável e incoerente.

Além disso, há dificuldade na separação das falas das personagens, misturando-se e confundindo-se. Há problemas, ainda, na ortografia, nos usos de tempos verbais,

nas concordâncias nominais e verbais e o uso indevido do “que”, o que demonstra inabilidade com a língua escrita.

O texto demonstra dificuldade em manter a continuidade, apresenta contradição aparente (“pessoa brincalhona e pessoa séria”), e problemas com a articulação das ideias e desenvolvimento linear da narrativa. Essas características desrespeitam os requisitos necessários, de acordo com a doutrina de Costa Val (2006), que fazem um texto ser coerente e coeso.

O trecho abaixo, de outro aluno, revela, também, problemas de coesão e coerência, uso de expressões da oralidade (com ênfase), problemas de articulação, de pontuação e de continuidade da narrativa, dificultando o entendimento do leitor e a construção dos sentidos.

Mas, depois de muita insistência eu resolvi aceitar o convite, e o Irineu veio me buscar em casa, de carro. Chegando no meio do caminho, tinha uma loja de móveis usados, e o *Irineu é tão doido* que resolveu comprar um sofá, colocar o sofá em cima do carro, pegar vassouras e rodos, e dirigir em cima do carro sentado no sofá, *e as vassouras e os rodos serviam para passar a marcha*, apertar o freio e controlar o volante, mas, obviamente isso não deu certo. (ênfases acrescentadas).

Este fragmento da produção de um aluno revela, igualmente, problemas com repetição de palavras e ideias (escola/escola), desrespeitando o requisito da progressão e da continuidade. Apresenta problemas de ortografia, pontuação, uso de tempos verbais, regência e concordância verbal e nominal, uso de expressões da oralidade, demonstrando não articulação ao texto. Esses requisitos podem fazer o texto ser incoerente para alguns leitores.

Um certo dia todos nós na *escola* pronto para ir ao passeio que a *escola* tinha organizado, não *sabia nos* o que estava para acontecer, saímos da escola para ir por vários *pontos turístico* de João Pessoa (...). Todos nós saindo do ônibus normalmente pensávamos que nada de estranho iria acontecer, mas derrepente quando o nosso colega Rafael *ele é muito gordo* sai do ônibus e começa a *andar ao caminho à casa dos artista* ele leva um tombo tão grande numa pedra e cai com todo o seu corpo no chão, *foi Deus que livrou ele de meter sua cabeça no chão*. (grifos nossos).

Mais uma vez, encontram-se nos fragmentos apresentados problemas com coesão e coerência, sobretudo problemas relativos à continuidade do texto, que podem, algumas vezes, alterar ou dificultar o entendimento do texto.

Um dia... bem, foi naquele dia que encontrei a aventura de uma boa amizade. Ela, sempre descontraída, sempre olhando para tudo que se passava na sala de aula, observando os estranhos comportamentos de cada um dos seus amigos de classe, e *sempre fazia gracinha com a cara de todos, pois ela tinha muita intimidade com todos, menos comigo por ser tímida.* (...) Graças a DEUS até hoje tenho a amizade dessa ótima pessoa *que já faz pouco mais de um ano e dez meses que hoje é uma grande irmã pra mim.*

A falta de familiaridade com a escrita revela problemas com a ortografia, pontuação, regência e concordância verbal e nominal, uso inadequado de expressões, impropriedade vocabular, falta de encadeamento lógico de ideias (continuidade), problemas de coesão e coerência, abundância de elementos da oralidade, contradições internas e falta de adequação ao gênero textual proposto.

Através dessa pesquisa, constatamos que, por mais organizados que sejam os textos do ponto de vista estritamente linguístico, a compreensão/coerência poderá não atingir o receptor, na medida em que a coerência depende de uma rede de fatores de ordem linguística, semântica, pragmática, interacional, etc.

Diante do exposto, conclui-se que as produções textuais analisadas mostram falhas em relação aos pressupostos sugeridos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que se referem aos níveis de competência gramatical (conhecimento das articulações que regem o sistema linguístico em atividade de textualização) e competência textual (a partir da leitura plena e de produções de diversos gêneros por meio dos mecanismos de articulação com substituições de elementos coesivos, para que se possa manter o sentido original do texto).

Por fim, Marcuschi (2008, p. 98) afirma que:

Não há dúvida de que podemos nos deparar com artefatos linguísticos incoerentes, nãoinformativos, incompreensíveis etc. Nesses casos, trata-se de inadequações, seja por parte de quem produziu aquele discurso ou de quem o recebeu, ou seja, o suposto texto não chegou a se transformar num evento discursivo comunicativamente relevante. (...) Produzimos textos por processos

de textualização inadequados quando não conseguimos oferecer condições de acesso a algum sentido, seja por ausência de informações necessárias, ou por ausência de contextualização de dados ou então simplesmente por inobservância de restrições na linearização e violação de relações lógicas ou incompatibilidades informativas.

Para minimizar esses problemas, Zozzoli (2007) considera que seria desejável que as práticas de sala de aula apresentassem uma variedade de gêneros de discurso (textuais) e de gêneros de atividades, além de levar os alunos a refletir sobre as similitudes e diferenças dos usos linguísticos, não desligados das implicações discursivas nas diferentes condições de produção.

Conclusão

Por fim, percebe-se que a competência para escrever textos relevantes é uma conquista inteiramente possível. O mito de que somente sabem escrever as pessoas que nasceram com esse “dom” é derrubado quando se faz uma análise aprofundada e objetiva. O dom de escrever é, na verdade, resultado de muita determinação, de muitas tentativas, de muita prática, desde cedo.

A incompetência dos alunos, tão propagada, em leitura e em elaboração de textos formais, não é fatalidade, um mero acaso, nem resulta de falta de competências intelectuais dos alunos. É, sem dúvida, resultado de um ensino pobre, irrelevante e muito limitado ao mais exterior da superfície linguística: suas classificações e nomenclaturas.

Assim, o professor deve promover a formação do cidadão por meio do estímulo ao senso crítico, utilizando diversas atividades de análise e de reflexão; do incentivo à curiosidade, à pesquisa, à procura e à vontade da descoberta, o que implica não se conformar com o que já está estabelecido; e do não encorajamento ao simplismo e ao dogmatismo com que as questões linguísticas têm sido tratadas.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

FARIA; Evangelina Maria Brito de; ASSIS, Maria Cristina de; RIBEIRO, Maria das Graças Carvalho. **Redação no vestibular da UFPB: estratégias de produção e critérios de avaliação**. Recife: UFPE, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. O Desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. **Revista DELTA**, vol.15, special issue. São Paulo: 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300007&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jan. 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MURRIE, Zuleika Felice (coord.). **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio. 2000. Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso: 20 jan. 2010.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. Atividades de produção em sala de aula e dificuldades dos alunos na busca de uma autonomia relativa. In: ESPÍNDOLA, Lucienne; SOUSA, Maria Ester Vieira de. **O texto: vários olhares, múltiplos sentidos**. João Pessoa: UFPB, 2007.